REINVENTAR A PAZ

Discurso de Maria Voce (Emmaus) na UNESCO, Paris, 15 de novembro de 2016

(Lido por Catherine Belzung)

Senhoras e senhores Embaixadores aqui presentes,
Ilustre Senhora Ann-Belinda Preis;
Observador permanente da Santa Sé junto da Unesco, Dom Francesco Follo;
Autoridades presentes;
Amigos reunidos nesta Sede da Unesco e todos aqueles que nos acompanham pela rede social.

Estamos aqui para celebrar os 20 anos da entrega do Prêmio pela Educação à paz a Chiara Lubich: é um momento para recordar, certamente, mas sobretudo é uma ocasião para reler e assimilar hoje o seu pensamento sobre a educação à paz, e portanto, voltado para a construção da paz. E não é uma simples coincidência falar de paz hoje e aqui, dois dias depois da recordação, no seu primeiro aniversário, dos atentados em **Paris e em Saint-Denis**. A dolorosa e comovida lembrança desses eventos nos impele a trabalhar com maior determinação e criatividade para encontrar novos caminhos para a paz.

A paz é certamente um dom de Deus, mas também fruto das escolhas dos homens e portanto cada um de nós pode contribuir para construí-la no próprio ambiente, no cotidiano, porque – como se lê no *Preâmbulo da Constituição da UNESCO* de 1945 - «Uma vez que as guerras iniciam na mente dos homens, é na mente dos homens que devem ser construídas as defesas da paz»[1].

Por isso, desejo agradecer por tudo aquilo que a UNESCO faz cotidianamente a favor da paz e para construir – com a educação, a ciência e a cultura – um mundo mais fraterno e mais unido.

O hoje da história nos apresenta num ritmo frenético as imagens de um mundo dilacerado por conflitos de todos os tipos, de muros que se erguem, de migrantes e refugiados que fogem da miséria e da guerra, de egoísmos políticos que encaram com negligência os problemas da humanidade.

Para exprimir a crueldade e também a gravidade do contexto em que vivemos, Sua Santidade, o Papa Francisco muitas vezes usou a expressão "Terceira Guerra Mundial em partes", justamente para exprimir a fragmentação e ao mesmo tempo a globalização dos conflitos: guerras, ações terroristas, perseguições por motivos étnicos ou religiosos e abusos que marcaram de modo inexorável os últimos anos, multiplicando-se dolorosamente em muitas regiões do mundo.

É uma violência não convencional, universal e penetrante, difícil de ser derrotada com os instrumentos até agora utilizados. São conflitos que podem ser resolvidos só com uma atuação conjunta, não só da comunidade internacional, mas da comunidade humana mundial. Ninguém pode se sentir excluído dessa ação: ela deve passar pelas nossas ruas, nos lugares de trabalho, de instrução e de formação, do esporte e do divertimento, das comunicações, do culto.

À "Guerra Mundial em partes" se responde com uma paz mundial feita também ela de "partes individuais", de pequenos passos, de gestos concretos. Todos têm um papel, cada um tem uma responsabilidade.

Encontramos na linha de frente as organizações internacionais com a sua incansável obra de promoção da paz. O diálogo incessante e o consenso tenazmente buscado nessas organizações, incluindo esta prestigiosa instituição, devem ser reconhecidos como sinais importantes da aspiração global em direção da paz e da unidade.

Mas também encontramos ali comunidades, associações de todos os tipos, movimentos de inspiração religiosa ou leiga que são portadores, de modo mais ou menos explícito e consciente, de uma nova lógica que se dissocia daquela fundamentada na busca do poder e no interesse unilateral, no desejo de domínio, na vontade hegemônica, quando não diretamente na violência. Eles adotam uma perspectiva alternativa,

[1] http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147273por.pdf

apregoam e realizam nos seus âmbitos uma mudança radical, a única hoje à altura dos desafios, quer tenham dimensões locais quer mundiais, a única capaz de construir os fundamentos da paz de hoje e de amanhã.

É a experiência direta do Movimento que represento!

A nossa história começa na cidade de Trento sob os bombardeios que assolavam a cidade. Exatamente quando tudo desmoronava, quando os ideais materiais eram destruídos e aqueles imateriais não podiam ser alcançados, quando os povos se combatiam à beira do extermínio numa luta insensata e trágica, quando emergiam no tecido social da cidade conflitos e tensões de todos os tipos: pessoais, familiares, de classe e ideológicos, no coração de uma jovem mulher trentina, Chiara Lubich, germinava e explodia um Ideal que não passa, que nenhuma bomba pode destruir, grande, imenso e que pouco a pouco se teria revelado – enfrentando dificuldades e incompreensões – como uma unção, uma vacina eficaz para curar feridas profundas e recompor fraturas devastadoras.

Assim, mesmo sob os bombardeios, Chiara Lubich e as suas primeiras companheiras, não fogem da própria cidade bombardeada: dedicando-se aos pobres, dedicando-se com amor a todos, tornaram-se portadoras de esperança. As suas ações tiveram uma dimensão bem mais ampla do que aquela que se podia ver no momento: injetaram no circuito destruidor da guerra uma nova linfa para regenerar o tecido social que se tornou gerador de paz.

Aquelas ações ainda hoje dão frutos de paz. Um exemplo é o diálogo que, há anos, é feito no âmbito do Movimento dos Focolares com expoentes do Cristianismo. Também com expoentes do Islamismo, do Hebraísmo, do Budismo, do Hinduísmo e das religiões tradicionais, além de pessoas de convicções não religiosas. Um diálogo baseado na acolhida das pessoas, na compreensão profunda das suas escolhas, das suas ideias, valorizando a beleza, o positivo, o que pode ser comum, que pode criar vínculos entre pessoas e entre grupos religiosos. Um diálogo frutuoso que suscitou, em países onde a Intercultura e o diálogo inter-religioso são difíceis, o nascimento de comunidades que vivem fraternalmente o carisma da unidade não só no respeito recíproco, mas com alegria e por muitas razões com a surpreendente descoberta da riqueza da própria identidade, na serena percepção da diversidade cultural e religiosa.

A mola que impulsionou e continuamente leva a apostar ainda na paz e a prosseguir nesse caminho do diálogo vem do exemplo de Jesus: estar prontos a amar o próximo até sacrificar-se, como Ele fez, pois na cruz morreu pela humanidade inteira. De fato, o empenho pela paz exige um meio adequado para atingir o objetivo. Chiara Lubich falando na ONU em 1997 disse claramente: «Não é uma brincadeira comprometer-se em viver e semear a paz! É preciso coragem para isso. É preciso saber sofrer. […] Mas, sem dúvida, se várias pessoas aceitassem o sofrimento por amor, o sofrimento exigido pelo amor, ele teria a chance de se tornar a arma mais poderosa para doar à humanidade a sua mais alta dignidade: sentir-se não tanto um aglomerado de povos em fileira, muitas vezes em combate, mas um único povo, enriquecido pela diversidade de cada um e reservatório das diferentes identidades»[2].

Outro ponto importante da mensagem de Chiara Lubich sobre a paz é a fraternidade.

Ela falou sobre isso desde os primeiros tempos do seu percurso humano e espiritual, mas com o passar dos anos o conceito de fraternidade foi cada vez mais relevante no seu pensamento.

A fraternidade foi conjugada por ela nos mais variados âmbitos da vida e do saber como uma verdadeira categoria, aliás, como um novo paradigma e fundamento dos valores e dos atos concretos, capazes de orientar a nossa convivência para a unidade e a paz

Falando a políticos italianos no dia 15.12.2000, em Roma, Chiara Lubich afirmou:

> «A fraternidade […] reconstrói o tecido social e, por meio dela, adquirem novos significados também a liberdade e a igualdade, com todas as orientações políticas e as escolhas nelas inspiradas. [...]
>
> A fraternidade permite conjugar e valorizar experiências humanas que, do contrário, poderiam degenerar-se em conflitos irremediáveis […]. Consolida a consciência sobre quanto são importantes os organismos internacionais e todos os processos que almejam superar as barreiras e alcançar importantes etapas na direção da unidade da família humana»[3].

Esta base de trabalho de Chiara Lubich pela paz se entrelaçou com a reflexão de expoentes das grandes religiões, do mundo político e cultural, com simples cidadãos, dando vida a um diálogo muito proveitoso, que se revela hoje de grande atualidade.

---

2 C. Lubich, Discorso al Simposio *Verso l'unità delle Nazioni e l'unità dei popoli,* organizzato dalla WCRP nella sede dell'ONU a New York nel 1997.

3 C. Lubich, *La dottrina spirituale*, Mondadori, Milano 2001, p. 298.

Numa sua mensagem de 2003 encontramos escrito:

> «É a fraternidade que pode fazer florescer projetos e ações no complexo tecido político, econômico, cultural e social do nosso mundo. É a fraternidade que faz sair do isolamento, abrindo as portas do desenvolvimento aos povos que ainda permanecem excluídos. É a fraternidade que indica como resolver pacificamente as controvérsias e que relega a guerra aos livros de história. É em virtude da fraternidade vivida que se pode sonhar (e até mesmo esperar) com alguma forma de comunhão de bens entre países ricos e pobres, já que o escandaloso desequilíbrio, que existe hoje no mundo, é uma das causas principais do terrorismo. A profunda necessidade de paz, que a humanidade hoje expressa, demonstra que a fraternidade não é só um valor, não é só um método, mas o paradigma global de desenvolvimento político.».[4]

A mensagem de amor e fraternidade de Chiara Lubich se conjuga de modo inseparável com a constante busca da unidade. É uma mensagem única, mas que se articula num encadeamento virtuoso: viver, praticar o amor recíproco; o amor recíproco torna possível a unidade; da unidade nasce a paz, a paz verdadeira.

Falando em Tóquio, em 24.11.1985, aos jovens do Movimento budista Rissho Kosei-Kai que lhe tinham feito uma pergunta sobre a paz Chiara Lubich respondeu:

> «A paz é efeito da unidade. Quando temos a unidade entre nós e Deus temos a paz interior. Quando existe a unidade entre os irmãos, existe a paz entre os irmãos. Quando existe a unidade entre os povos, existe a paz no mundo ».

Chiara Lubich afirmava sempre que a unidade pode ser vivida por todos, realmente por todos, porque a unidade, causa da paz é:

> «o amor que bate no fundo de cada coração humano. Que para os discípulos de Cristo pode consistir no (….) ágape que é uma participação do próprio amor que vive em Deus: amor forte, amor capaz de amar também quem não retribui, mas ataca, como o inimigo, amor capaz de perdoar… E para quem segue outras crenças religiosas é um amor que pode se chamar benevolência, e que, para as pessoas que não possuem uma crença religiosa, significa filantropia, solidariedade, não-violência".

Reinventar a paz

Sobre esta base é possível rever o que é a paz, aliás, é possível reinventá-la.

Reinventar a paz significa em primeiro lugar empenhar-se até o fim no diálogo, levar a sério o diálogo, não só como método, mas como um valor em si. O diálogo autêntico não é episódico, se promove e edifica uma cultura do diálogo. O diálogo é profundo interesse pelo outro, é conhecimento e estima recíproca, é sincero respeito pela diversidade, é valorização do pluralismo. O diálogo é uma estratégia, não uma tática; é uma visão a longo prazo, e não se limita a objetivos imediatos. O diálogo verdadeiro constrói relacionamentos sólidos e duradouros, investe no futuro sem perder de vista as questões do presente. O diálogo aciona processos estruturais de acordo e de compreensão, necessários se quisermos passar da convivência, necessária, ao reconhecimento recíproco, à descoberta de uma identidade comum.

Reinventar a paz significa realizar projetos políticos que não sejam condicionados pelos interesses de parte e limitados; projetos corajosos e incisivos, que tenham como estrela polar o bem comum e os bens comuns de toda a família humana.

Reinventar a paz significa abater o muro da indiferença e assumir uma atitude responsável e ativa para reduzir as desigualdades por meio de iniciativas concretas, políticas específicas, escolhas éticas que vão na direção da realização de uma autêntica justiça social. Significa romper com a lógica da acumulação e do lucro ilimitado e sem objetivos sociais; significa deter o incremento das despesas militares e do comércio internacional das armas, significa rever as políticas econômicas dos Estados e das instituições financiárias e comerciais internacionais.

Reinventar a paz significa promover uma cultura da legalidade em cada nível para contrastar, por meio de ações positivas, a corrupção, a evasão fiscal, a apropriação ilícita dos financiamentos públicos.

Reinventar a paz significa preocupar-se em proteger a criação, fazer crescer em nós e ao nosso redor o respeito pela nossa casa comum.

Reinventar a paz significa amar ao inimigo. Amar o inimigo é novidade de vida, daquela vida que Jesus traz. Na mensagem evangélica nos é proposto ir além e anular a categoria do inimigo, segundo o exemplo de Deus,

---

4 Messaggio al prof. Benjamin Barber per la *Giornata dell'interdipendenza*, Roma, 10 novembre 2003.

que manda o sol e faz chover sobre os bons e os maus (cf. Mt 5, 45) e faz um pedido que pode parecer inaudito: «Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam» (Lc 6, 27).

Amar o inimigo significa desarmo global, progressivo e equilibrado, não para cair na anarquia e no caos, mas para inventar instrumentos, formas e modos de resolução dos conflitos mais consoantes à dignidade das pessoas e dos povos, para passar à prática de uma segurança compartilhada e desarmada que se fundamenta na consciência de um destino comum.

Reinventar a paz significa perdoar. O perdão não é contrário à justiça internacional, mas oferece a possibilidade de restabelecer relacionamentos com novas bases.

João Paulo II falou de várias maneiras do perdão como caminho para a paz no dia 1° de janeiro de 2002: «*o perdão torna-se necessário também a nível social. As famílias, os grupos, os Estados, a mesma Comunidade internacional, necessitam de abrir-se ao perdão para restaurar os laços interrompidos, superar situações estéreis de mútua condenação, vencer a tentação de excluir os outros, negando-lhes a possibilidade de apelo. A capacidade de perdão está na base de cada projeto de uma sociedade futura mais justa e solidária. Pelo contrário, a falta de perdão, especialmente quando alimenta o prolongamento de conflitos, supõe custos enormes para o desenvolvimento dos povos. Os recursos são destinados para manter a corrida aos armamentos, as despesas de guerra, as consequências das represálias econômicas. [...]* A proposta do perdão não é de imediata compreensão nem de fácil aceitação; é uma mensagem de certo modo paradoxal. De fato, o perdão implica sempre uma *aparente* perda a curto prazo, mas garante, a longo prazo, um lucro *real*." (...) À primeira vista, o perdão poderia parecer uma fraqueza, mas não: tanto para ser concedido quanto para ser aceito, supõe uma força espiritual e uma coragem moral a toda a prova. Em vez de humilhar a pessoa, o perdão leva-a a um humanismo mais pleno e mais rico, capaz de refletir em si um raio do esplendor do Criador».

Reinventar a paz significa empenhar-se totalmente na reconciliação, aprendendo a difícil arte das experiências históricas já realizadas com sucesso, que colocaram as bases para um renascimento político, após conflitos tremendos, como aconteceu com as Comissões para a verdade, a justiça e a reconciliação experimentadas na África do Sul, no Chile, Argentina, El Salvador, Guatemala, Panamá, Peru, Gana, Serra Leoa, Libéria, Timor Leste e Tunísia.

Em conclusão, **Reinventar a paz** é mesmo possível na medida em que muda a mente e o coração das pessoas. Por isso é necessária uma profunda operação cultural. É preciso investir na cultura e na instrução, como recomenda esta Instituição, especialmente a favor das novas gerações, para formar jovens e adultos que amadureçam a consciência da guerra como uma opção impensável e como um caminho totalmente intransitável. Animar lugares onde se pode fazer uma autêntica experiência de paz, onde se encontram pessoas de culturas, experiências, idades, proveniências diferentes, lugares onde cada identidade pode se tornar um enriquecimento recíproco, onde a fraternidade universal se torne tangível. Esses lugares – e o Movimento dos Focolares construiu dezenas –, estas estruturas já presentes em muitas partes do mundo, são pequenos faróis que indicam um percurso que pode nos transformar, pode nos tornar pessoas renovadas, abertas ao mundo e ao mesmo tempo atentas às exigências, aos sofrimentos, às necessidades, às inspirações e também às alegrias dos outros[5].

Por fim, **Reinventar a paz** significa amar a pátria alheia como a própria, o povo, a etnia, a cultura alheia como as próprias.

A paz, para Chiara Lubich, é uma dimensão global, aliás, universal. Ela parte das pessoas e se alarga até os confins da Terra, abraçando a humanidade inteira com as suas culturas, as suas mil identidades, as suas estruturas articuladas, com o pluralismo das suas instituições, a multiplicidade dos seus modelos políticos, econômicos, sociais. A paz não é uma promessa, é um empenho e uma escolha. Cabe a nós fazê-la florescer na face da Terra.

Convido todos aqui presentes ou que nos ouvem no mundo inteiro para se armarem de paz, para serem portadores de paz, testemunhas em cada ângulo do mundo, que a paz pode ser reinventada!

5 Eu me refiro às Mariápolis Permanentes do Movimento dos Focolares, presentes nas várias latitudes do mundo (Cf http://www.focolare.org/all-opera/cittadelle/).